

Pequeno relato de um pingüim de geladeira

Regina Chamlian¹

Nunca esqueci o instante em que mãos pouco amistosas agarraram-me e, sem maiores explicações, me encerraram numa caixa de papelão.

Esse gesto significou para mim o fim de uma era de felicidade.

Ali, naquela cozinha, sobre a geladeira, ouvi conversas, projetos, sonhos, presenciei almoços e jantares, discussões, cenas de amor.

Ali, sobre a geladeira, teci meus próprios projetos e sonhei com o Ártico onde, com outros pingüins de porcelana, eu nadava no gelo.

Mas o calor e o ronco do motor sempre me chamavam de volta à realidade da casa e sua rotina.

Durante anos foi assim.

Houve momentos em que desejei falar com os habitantes humanos da casa. Eu me iludi, pensei que também fizesse parte da família. Até que os fatos revelaram a verdade. De uma hora para outra, passei a ser odiado, olhado com desprezo, rejeitado brutalmente. E fui afastado do convívio dos homens.

O longo período em que passei no interior daquela caixa de papelão me transformou numa criatura medrosa, insegura, sujeita a crises nervosas e ataques de choro. No começo, pensava ser o único pingüim de geladeira a sofrer essa violência. Não suspeitava que um verdadeiro *pogrom* havia sido levantado contra nós, um anátema fora lançado contra nossa espécie. Estávamos sendo completamente banidos da decoração dos lares.

Mais tarde vim a saber que, muitos dos meus pares, nascidos na mesma fábrica que eu, quebraram-se, partiram-se em mil pedaços, perderam uma asa, uma costela, um bico, um olho. Depois, foram jogados no lixo.

Por quê?

O que motivou tanta perseguição?

Descobri, escutando fiapos de conversas através das paredes de papelão: pingüim em cima de geladeira tinha saído de moda. Pior: éramos sinônimo de mau-gosto, o exemplo perfeito do *kitsch*. Ninguém queria ser visto conosco, ninguém queria nos acolher.

Tive sorte de me manter inteiro.

Então, nem sei quanto tempo depois, a caixa de papelão foi aberta, mãos amistosas (e desconhecidas) pegaram-me com cuidado, acariciaram meu corpo esmaltado e ouvi: "Que lindo. E como está perfeito."

O resto, vocês já devem ter imaginado.

Levaram-me para a cozinha e lá me instalaram.

É onde estou agora, na cozinha, sobre a geladeira.

Ouçõ conversas, projetos, sonhos.

Presencio almoços e jantares, discussões, cenas de amor.

Às vezes, sonho com o Ártico.

Uma imensa geladeira desliza nas águas geladas daqueles mares.

E pingüins quebrados, sem bicos, sem olhos, sem asas, nadam em volta de minha embarcação branca.

De repente, alguém abre a geladeira, pega uma garrafa de coca-cola e fecha a porta rudemente, com o pé.

Assustado, volto à realidade da casa e sua rotina.

Estou aqui, sozinho agora, na cozinha, sobre a geladeira.

Mas, até quando?

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo).